

18-19 outubro 2002 na Fundação Eng.º António de Almeida Rua Tenente Valadim, 231 / 325, 4100-479 Porto, Portugal



Sociedade da Língua Portuguesa
Instituto de Cultura



1º Colóquio Anual da Lusofonia – SLP 2002 Porto

Antes de mais queria agradecer a todos os que se dignaram honrar-nos com a vossa presença e participação nesta Jornada que visa contribuir para debater a problemática da língua portuguesa no mundo não somente em termos das suas formulações históricas e teóricas mas e sobretudo, de analisá-las nas suas modalidades práticas com as necessárias correspondências em articulação com outras comunidades culturais, históricas e linguísticas lusófonas como agentes fundamentais de mudança. Pretende-se repensar a Lusofonia, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas. O Porto foi a cidade escolhida porque foi perdida a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos média nacionais e internacionais como terra congregadora de esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo língua oficial existem Lusofalantes.

Por este motivo, foi escolhida a seguinte temática para o 1º Colóquio da Sociedade de Língua Portuguesa no Porto:

- **Repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas:** através de cinco áreas temáticas

1. Língua, Multimédia e Comunicação Social;
2. Desenvolvimento curricular;
3. Cidadania e Participação Política
4. Tradução e Cultura (inter e transcultural), Estudos Interculturais ; e
5. Diversidades Culturais

Pretendíamos receber propostas de temas abrangendo uma vasta área, quer geográfica quer tematicamente, a fim de permitir uma visão globalizante e abrangente do tópico do colóquio e os candidatos corresponderam totalmente a essa nossa intenção, pelo que serão premiados com a publicação dos seus trabalhos na Revista da Língua, da Sociedade de Língua Portuguesa. Convém aqui fazer uma curta resenha do historial atribulado mas nem por isso, menos glorioso desta instituição que teve a visão e a coragem de organizar este evento sem subsídios nem apoios.

Breve Historial da SLP

Fundada em 14 de novembro de 1949, a Sociedade de Língua Portuguesa (SLP), nasce vocacionada para a investigação, difusão e defesa da Língua Portuguesa. Foi uma ideia do Prof. Vasco Botelho do Amaral tornada pública aos microfones do Rádio Clube Português, em 26 de março de 1949. Em 1979, passa a Instituição de Utilidade Pública e, em 1982 a Membro-Honorário da Ordem do Infante Dom Henrique. Em 1989, passa a designar-se Sociedade da Língua Portuguesa, Instituto de Cultura.

A SLP afirma-se pelo modo continuado qualitativo como desenvolve o seu trabalho. As suas atividades são diárias e abrangem não só a área específica da língua portuguesa como outras da cultura. Desde 1981, a SLP insiste na criação do Dia Internacional da Língua Portuguesa. Esta ideia, levada ao conhecimento do presidente da Assembleia da República, foi apresentada ao seu Plenário e saudada por aclamação e de pé por todos os Deputados, como vem no Diário das Sessões de 12-9-81, p. 3145.

Funcionou ainda na SLP o Tribunal da Língua Portuguesa, tribunal de pressão junto da opinião pública, onde, por um lado são apreciadas queixas e julgadas agressões públicas à Língua Portuguesa e, por outro, questões relativas ao seu ensino. Em sua substituição, foi criada em 1996 a Provedoria da Língua Portuguesa, com o intuito de alertar a opinião pública e o poder instituído para a situação caótica em que se encontra o nosso idioma.

A sua ação traduz-se por um alerta constante às instituições que violam as atuais normas ortográficas. Neste âmbito, procurará sensibilizar o Registo Nacional de Pessoas Coletivas no sentido de assegurar a correta grafia

das novas designações. Tem sido sua missão denunciar casos como os de docentes estrangeiros que impõem, nas aulas e nas reuniões, o Inglês como língua! Desenvolve, também, ações concretas relativas ao uso de estrangeirismos (especialmente anglicismos) quando existem termos equivalentes na Língua Portuguesa.

No âmbito da sua atividade, a Provedoria da Língua procura denunciar a falta de apoio às comunidades portuguesas dispersas pelo Mundo, sobretudo no que diz respeito ao ensino da língua aos lusodescendentes.

Só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover o ensinamento salutar do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação do Português como um dos principais veículos de expressão. O seu propósito maior é mobilizar todos no sentido de conseguir que nenhum se demita da responsabilidade que efetivamente tem na defesa do idioma pátrio.

A SLP ainda toma como função o alertar para os atentados ao Património Cultural.

No estrangeiro, os destinatários do Boletim trimestral «Língua Portuguesa» distribuem-se, por 40 países. Recebem-no sócios da SLP, Associações de Emigrantes Portugueses, espalhados por 27 países e, ainda, todas as Universidades e Bibliotecas Públicas de Angola, Cabo Verde, Brasil, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Três prémios internacionais são atribuídos pela SLP: Grande Prémio Internacional de Linguística, Prémio Internacional de Tradução e Troféu de Estudos Portugueses e ainda Certificado de Capacidade de Conversação, que é entregue a todo o estrangeiro nacional de países de língua não portuguesa que visite a SLP e fale correntemente o Português. Recentemente foi criado o Prémio Fernando Sylvan que se destina a galardoar a obra literária ou linguística de temática timorense.

Uma importante biblioteca, e cerca de 20 000 títulos, pertence aos associados e consente leitura domiciliária. O seu livro mais antigo, «Las Obras dei Exceilhête Poêta Garcilasso de la Vega», é do «Año 1570». A SLP detém os direitos de propriedade de várias obras: Charles Linguísticas, de Raul Machado e o Grande Dicionário de Língua Portuguesa de José Pedro Machado, de que já incentivou 4 grandes edições.

A SLP é frequentemente chamada para participar em comissões. Fez parte da Comissão Executiva das Comemorações do Cinquentenário de Fernando Pessoa (1988). Foi ouvida na organização do Centro Português de Terminologia da Academia das Ciências de Lisboa e é membro permanente da Comissão Nacional da Língua Portuguesa (CNALP). A SLP tem feito parte de júris literários, quer por convite direto, quer por indicação da Associação Portuguesa de Escritores (APE).

Hoje como ontem, a nossa língua é vítima de banalização e do laxismo, pois os portugueses, infelizmente, estão pouco conscientes da força e do valor do seu património linguístico. Falta-lhes o gosto por falar e escrever bem, e demitem-se da responsabilidade que lhes cabe na defesa da língua que falam, fator de identidade nacional.

Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, a violação das regras de concordância, estão a atingir a capacidade de raciocínio e, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão. Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação.

Urge pois apoiar os órgãos de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores desta área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes eficazes. A crise atual portuguesa reflete uma nação em crise, a crise de valores, a crise atual de identidades. É certo que jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. A mudança dá-se por certas estruturas, produtivas em fases anteriores, estarem já ultrapassadas. Hoje, a mudança está a fazer.

A SLP, criada essencialmente para defender a norma, não pode nem deve afastar-se dos seus objetivos estatutários, porque se o fizesse estaria a trair a sua história. Foram mais de 50 anos de desinteressado trabalho de muitos dirigentes, sócios e simpatizantes, animados exclusivamente pelo gosto e pelo amor à língua portuguesa que vemos florescer "ativa" por todos os cantos do mundo, e de uma forma muito especial, pelo espaço da Lusofonia aqui representada hoje

Recentemente o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia "O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba. Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo Português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso. A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilíngue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas."¹

Posteriormente contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me preocupado sobretudo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora. Mesmo admitindo que as línguas só podem ter capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de recentemente terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira em 1999 das quais a maioria já tinha equivalente

¹ Carta de David Crystal 16/02/2001 a Pedro Kaul do governo brasileiro, citada no fórum Ajudar Timor em 16/03/2001

em português. Sabendo como o inglês destronou línguas em pleno solo do Reino Unido, tal como Crystal afirma no caso do Cumbric, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes ignorantes, escribas, jornalistas e políticos sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal e alguns esforços para criar uma no Brasil.

A sua resposta ² em março último pode-nos apontar um de muitos caminhos, que espero ver tratados neste fórum aqui hoje. Diz Crystal: *“As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto, é sem dúvida a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. de facto, cerca de 80% do vocabulário inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É até irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de latim e de Francês na sua origem.*

*Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como **kingly** (Anglo-saxão), **royal** (Francês), e **regal** (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão. Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas.*

*Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro *Language Death*. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário. É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigações de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo.*

Recordo ainda que não é só o inglês a substituir outras línguas. no Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo Português, e todas as principais línguas: Espanhol, Chinês, Russo, Árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo.”

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que no final deste encontro possam os presentes voltar para os seus locais de residência com soluções e propostas viáveis de - [Repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas](#) sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.
[regressar](#)

² Carta de David Crystal ao autor em 25 Março passado.